

ESCOLA E DESENVOLVIMENTO DA CORPOREIDADE: O PRIMEIRO PASSO DA EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE

SCHOOL AND CORPOREALITY DEVELOPMENT: THE FIRST STEP OF SEXUALITY EDUCATION

Cláudia Ramos de Souza Bonfim 1

Resumo: Este estudo qualitativo-bibliográfico esclarece sobre a contribuição da educação para a sexualidade para o desenvolvimento da corporeidade, partindo do olhar sobre o “lugar” que o corpo ocupa na escola. Fundamenta-se em Medina, Nóbrega, entre outros. Questiona-se: A escola pode contribuir significativamente para desenvolvimento da corporeidade da criança e conseqüentemente da educação para a sexualidade? Considera-se que, a escola pode e deve contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento da consciência corporal da criança e sua sexualidade. Ressalta-se a importância da formação docente oferecer os fundamentos teórico-metodológicos sobre a historicidade da sexualidade, do desenvolvimento psicosexual, para que os futuros docentes abordem a educação para a sexualidade e realizem intervenções numa perspectiva emancipatória, oferecendo ferramentas aos educandos, para desenvolvam sua corporeidade e formem consciências críticas que possibilitem aceitação de seu corpo, a superação dos estereótipos, desenvolvam sua autoestima e a vivência ética, estética, a responsabilidade corporal e afetiva, visando superar a opressão, os tabus, os preconceitos e desigualdades de gênero historicamente construídas.

Palavras-chave: Corpo; Corporeidade; Educação para a Sexualidade.

Abstract: This qualitative-bibliographic study sheds light on the contribution of education to sexuality to the development of corporeality, starting from the perspective of the “place” that the body occupies in school. It is based in Medina, Nóbrega, among others. It is questioned: Can the school significantly contribute to the development of the child’s corporeality and, consequently, to sexuality education? It is considered that the school can and should contribute significantly to the development of the child’s body awareness and sexuality. It is emphasized the importance of teacher education to offer the theoretical and methodological foundations on the historicity of sexuality, of psychosexual development, so that future teachers approach education for sexuality and carry out interventions in an emancipatory perspective, offering tools to students to develop their corporeality and form critical consciences that enable acceptance of their body, overcoming stereotypes, develop their self-esteem and ethical, aesthetic, bodily and emotional responsibility, aiming to overcome the oppression, taboos, prejudices and gender inequalities historically constructed.

Keywords: Body; Corporeality; Sexuality Education.

Licenciada em Biologia e Pedagogia. Especialista em Educação Sexual. Mestre e Doutora em Educação, com Pós-Doutorado também em Educação. Professora e Coordenadora Pedagógica Geral na Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco, em Cornélio Procópio – PR. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sexualidade – PET Gepes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0349-2461> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1026299512807183> E-mail: profdraclaudiabonfim@gmail.com

Introdução

Compreende-se que, corporeidade é a relação que uma pessoa estabelece com o mundo, permeada pela cultura, integrando o ser humano e a sua sexualidade. As pessoas são o seus corpos. A corporeidade é a unidade corpo e mente. É a integralidade humana. Assim, concorda-se com MEDINA (1983, p. 12), que:

[...] nós não temos um corpo; antes, nós somos o nosso corpo, e é dentro de todas as suas dimensões energéticas, portanto de forma global, que devemos buscar razões para justificar uma expressão legítima do homem, por meio das manifestações do seu pensamento, do seu sentimento e o seu movimento.

O corpo é por si só um mundo, que vai se humanizando e se desenvolvendo através das experiências vividas. Ao nascer, o homem é um animal, que se humaniza através das relações que estabelece consigo mesmo, com o outro e com o mundo. E isto se dá através da educação, seja familiar, social, cultural, religiosa ou escolar.

Partindo deste entendimento, objetiva-se através deste estudo de abordagem qualitativa e caráter explicativo-bibliográfico, fundamentado especialmente em Medina, Freire e Louro, esclarecer sobre o desenvolvimento da corporeidade, partindo do olhar ocupado pelo corpo no ambiente escolar.

Busca-se problematizar se a escola pode contribuir significativamente para desenvolvimento da corporeidade da criança e conseqüentemente da educação para a sexualidade?

Parte-se do pressuposto que há uma separação entre corpo e mente, privilegiando o desenvolvimento intelectual em detrimento à educação corporal, como se estes não fossem uma unidade. A premissa inicial é de que a escola pode e deve promover atividades pedagógicas que promovam o desenvolvimento da consciência corporal da criança e sua sexualidade, de maneira qualitativa, possibilitando o garantindo o que preconiza a Lei máxima do nosso país, a Constituição Federal de 1988, de que, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando **ao pleno desenvolvimento da pessoa** [...] (BRASIL, 1988, Art. 205). [grifo nosso], o que engloba o desenvolvimento da corporeidade, que é parte integrante da sua sexualidade.

A escola como espaço de emancipação, humanização e formação da corporeidade

A humanização do corpo é necessária e urgente, especialmente, em tempos onde este corpo é cada dia mais objetificado, banalizado e violentado. Nesse sentido, Bonfim (2012, p.64), afirma que:

[...] conhecer o corpo, suas potencialidades e possibilidades é tão importante quanto o aprendizado da leitura e da escrita do mundo, uma vez que esse conhecimento consiste em fornecer ferramentas para o discentes fazerem a leitura de si mesmos, propiciando que escrevam a própria história. Assim como adquirimos conhecimentos para transformar o mundo num lugar melhor, devemos conhecer nosso corpo e nossa sexualidade para tornar melhor nosso mundo interno.

O corpo é inteireza, se desenvolve e se manifesta a partir dos gestos, movimentos, percepções, sentimentos, aprendizados, experiências, estímulos, além da linguagem oral, no entanto, no ambiente escolar, especialmente em sala de aula, esse corpo é negado, oculto ou fragmentado, disciplinado, silenciado e quase sempre reprimido. O que é um erro, pois as

pulsões corporais e sexuais, devem ser esclarecidas, orientadas. Todas as nossas dimensões estão interligadas.

As necessidades corporais, quando reprimidas, podem gerar problemas psicológicos e traumas que, ao ser internalizados, podem provocar isolamento social, dificultando que se estabeleça relações com as pessoas ao seu entorno, privando-se da interação e na fase adulta acarretando em dificuldades afetivas e sexuais. (BONFIM, 2012).

Educar a integralidade humana é fundamental. Uma educação intelectual que não vise a emancipação, forma pessoas despidas de sensibilidade afetiva, de consciência crítica e de acima de tudo, de humanidade. Além de ser um direito da criança ser orientada para saber lidar com as manifestações naturais do seu corpo, desenvolver a sua corporeidade e ainda aprender a reconhecer crimes como abusos e exploração sexual, para identificá-los e denunciá-los.

A educação corporal é parte da educação para a sexualidade. E através dela se possibilita a aquisição de conhecimentos que contribuem para o desenvolvimento da autoestima, da responsabilidade corporal e afetiva, da formação de valores éticos e estéticos, para a superação de estereótipos, da quebra de preconceitos, para o enfrentamento da desigualdade de gênero, para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis.

Entre tantas questões que estão englobadas ou perpassam pela educação para a sexualidade, a educação corporal contribui para que as pessoas atribuam significados afetivos para a vivência da sexualidade, aprendendo sobre o respeito ao próprio corpo e das pessoas com as quais se relaciona, mas acima de tudo, à compreenderem suas potencialidades, à superarem o determinismo biológico, dando ao corpo e à sexualidade um sentido humano.

Para Duarte, Bezerra e Câmara (2014, p.12), a escola:

[...] deve compreender o corpo dos alunos como expressão viva do sujeito, de forma integral e não fragmentada. Bem como é necessário que os professores tenham a consciência de que, assim como os seus alunos, eles também são existencializados na realidade através dos seus corpos, liberando em sua expressividade corporal as intenções e significados de sua vida.

Bonfim (2012), afirma que, a Corporeidade é Sexualidade, e esta se desenvolve condicionada pelos valores de dada sociedade, da educação, da religião e da cultura em que a pessoa está inserida. Assim, desenvolver a corporeidade é entender o poder revolucionário do corpo, enquanto o primeiro espaço de liberdade que é antes de tudo, subjetiva, interna e expressa no e pelo corpo. Retomando Medina (1987, p.71),

É, portanto, no corpo – este sistema bioenergético-dialético – que está depositada toda a possibilidade revolucionária dos dominados e oprimidos. Sendo assim, todo o processo de libertação deve necessariamente passar pelo corpo – libidinal, fonte de desejo que pela solidariedade radical conquista as transformações sociais concretas (MEDINA, 2007, p. 71).

Desde que a pessoa nasce, seu desenvolvimento é influenciado pelas experiências vivenciadas e na infância, constrói-se a base que irá compor sua sexualidade, como: “vinculação afetiva, a configuração da imagem corporal, a identidade sexual básica como homem ou mulher, a segurança e conforto como ser sexual, os medos e as preocupações... e também as sensações eróticas.” (VILELA, Online, 2019).

A educação para a sexualidade, entre outras questões, implica na educação corporal, na formação de valores éticos e estéticos, na humanização dos instintos do corpo, na construção de uma base ética para a vivência qualitativa da sexualidade, especialmente, numa sociedade que incita a promiscuidade. Assim, defende-se como uma educação corporal,

[...] que privilegie, acima de tudo, o humano, é ver além do percebido: é enxergar o movimento carregado de intenções, de sentimentos, de inteligência, de erotismo. É ver o rumo do movimento, sempre na direção do buscar, no mundo, as partes que faltam ao homem para ser humano (FREIRE, 1997, p.138).

Historicamente, a escola contrapõe desconsidera a integralidade mente e corpo, como se o aprendizado fosse algo estanque à sua unidade corporal.

No momento em que o pensamento, acanhadamente cristalizado e abstrato, amordaça as nossas concretas manifestações corpóreas, impede, ao mesmo tempo, as expressões mais livres e espontâneas do movimento, do sentimento e do próprio pensamento, enquanto fenômenos tipicamente humanos. (MEDINA, 1983, p. 12)

Freitas (1999, p.52), também afirma, “o homem é seu corpo e, quando age no mundo, age como uma unidade”. E que as “relações que transformam o corpo humano numa corporeidade, ou seja, uma unicidade expressiva da existência”. Concorda-se ainda com Nóbrega (2001, p.10), ao afirmar que,

[...] para entender o humano, precisamos desenvolver a sensibilidade de ler o mundo nos corpos e os corpos no mundo. Sem essa sensibilidade, limitamo-nos a falar e tratar de corpos abstratos, “esquadrinhados” [...] Sem essa sensibilidade para o humano nos corpos, teremos dificuldade de realizarmos uma educação ou uma terapia humanizadora [...] para entender o humano, precisamos desenvolver a sensibilidade de ler o mundo nos corpos e os corpos no mundo. Sem essa sensibilidade, limitamo-nos a falar e tratar de corpos abstratos, “esquadrinhados”.

Assim, defende-se que, a educação corporal é tão importante quanto a intelectual, e afirma-se, como afirma Strazzacappa (2001, p. 79):

Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação: a educação para o não-movimento – educação para a repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo. O que diferencia uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando. Cabe agora a cada um de nós fazer a reflexão.

O docente em especial, precisa se apropriar dos conhecimentos científicos sobre o corpo e a sexualidade em sua etapa de formação, para que possa orientar e ajudar o aluno a viver e se sentir corporeidade. Nesse sentido, Nóbrega (2005, p. 610-613) “não se trata de incluir o corpo na educação. O corpo já está incluído na educação. Pensar o lugar do corpo na educação significa evidenciar o desafio de nos percebermos como seres corporais”.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL,1998, p.15) o conceito de movimento é:

[...] O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo.

O movimento, tem várias funções, desde a produção hormônios essenciais para o bom funcionamento do cérebro e como de sensações de bem-estar, alegria e prazer. Traz benefícios para o funcionamento dos órgãos e das funções cognitivas e mentais, além da prevenção de doenças. A serotonina, dopamina e noradrenalina, neurotransmissores são produzidos através do movimento e são importantes para a saúde física e mental. Mas ele não é apenas mecânico, assim, entende-se como Gonçalves (1994, p.147), que,

[...] os movimentos corporais não são relações mecânicas, estabelecidas por um corpo que percorre um espaço fixo, objetivo, mas relações dialéticas, em que o sujeito motriz forma, como o espaço circundante e os seres que habitam esse espaço, uma totalidade aberta.

Negar o movimento é reprimir o corpo, prejudicando o desenvolvimento da corporeidade. É importante ressaltar, que as pulsões reprimidas ou negadas na infância podem ser externalizadas em forma de agressividade ou agitação, numa tentativa inconsciente de extravasá-las, ou de suprir suas necessidades biológicas reprimidas, como o próprio movimento do corpo que na escola, muitas vezes é entendido como indisciplina ou como agressividade, e erroneamente diagnosticando isto, muitas vezes, como hiperatividade. (BONFIM, 2012).

Como afirma Freud (1974, p.101), “conseguindo-se ativar o desenvolvimento da libido atrasada, ou doutro modo perturbada, produzir-se há então automaticamente a mistura de agressividade e libido e pôr-se-á um fim às exteriorizações destrutivas”. Especialmente na infância, as experiências e aprendizados são sensoriais, ou seja são corporais.

Santin (1987, p.50), acrescenta que

é na corporeidade que o homem se faz presente. A dimensão da corporeidade vivida, significativa e expressiva caracteriza o homem e a distância dos animais. Todas as atividades humanas são realizadas e visíveis na corporeidade. [...] Assim o homem, em todas as suas funções e vivências, precisa ser corpo, o que é bem diferente de dizer que precisa do corpo. Isto porque a humanidade do homem se confunde com a corporeidade.

Bonfim (2012), ressalta, que não é possível educar de maneira integral, sem considerar essa totalidade, pois a sexualidade é corporeidade, envolvendo tudo que perpassa pelo corpo: sensações, percepções, necessidades biológicas, pulsões, instintos, desejos, sentimentos, enfim, a sua subjetividade, lembrando que não há uma desvinculação, uma ruptura entre a infância e a fase adulta e sim, uma ligação, uma continuidade.. Considerando a escola um espaço de formação humana, é fundamental que nela se realizem atividades que problematizem todos os aspectos da sua vida.

A educação, como afirma Saviani (2008, p13), deve “[...] produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Assim, entende-se que a escola, para além de ensinar os conhecimentos científicos historicamente produzidos, deve contribuir para a humanização, para que as pessoas compreendam e desenvolvam suas potencialidades intelectuais, emocionais, afetivas e corporais.

O processo educativo está intimamente relacionado ao corpo do indivíduo em formação, não deve ser verticalizado e encarado como um processo de apenas conferir-lhes diplomas e certificados. O indivíduo carrega consigo todas suas vivências, portanto não há como dissociar corpo e mente. Nesse sentido a Educação, e mais evidentemente a Educação física deve promover desde a infância condições que possibilitem o indivíduo vivenciar deferentes explorações corporais a fim de melhor compreender o que é, do que pode vir a se apropriar tendo em vista ser um corpo, o qual enseja movimento e novos aprendizados. (SCHONS; SAVITSKI, 2019, Online)

Bonfim (2012), ainda afirma que sexualidade e corporeidade, englobam o desenvolvimento (biopsicossocial e psicosssexual) que é permeado pelas experiências ao longo da vida. Nesta mesma perspectiva, Freitas (1999, p.57) afirma que

a corporeidade implica [...] a inserção de um corpo humano em um mundo significativo, a relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo (ou as “coisas” que se elevam no horizonte de sua percepção). [...] Mas ele (o corpo), como corporeidade, como corpo vivenciado, não é o início nem o fim: ele é sempre o meio, no qual e por meio do qual o processo da vida se perpetua.

Assim, entende-se que, a escola pode e deve realizar atividades pedagógicas que trabalhem a educação para a sexualidade ajudando a criança a desenvolver sua corporeidade, à reconhecer, aceitar, e cuidar do seu corpo, à lidar com suas corporais, à esclarecer suas curiosidades, buscando desde a infância obter qualidade de vida tanto no aspecto físico, quanto emocional e intelectual.

A escola não pode continuar fragmentando corpo e mente, porque eles são uma unidade, e sim, ser um espaço onde as crianças possam desenvolver não apenas o aspecto intelectual, mas também emocional, pois este reflete na aprendizagem da criança. Como afirma Freire (1997, p. 12),

[...] é difícil explicar a imobilidade a que são submetidas as crianças quando entram na escola. Mesmo se fosse possível provar (e não é) que uma pessoa aprende melhor quando está imóvel e em silêncio, isso não poderia ser imposto, desde o primeiro dia de aula, de forma súbita e violenta.

Assim, enfatiza-se que a escola deve compreender que criança utiliza seu corpo e o movimento para interagir, assim a brincadeira, os jogos, favorecem sua criatividade, assim afirma-se, que o movimento e a ludicidade devem fazer parte do cotidiano escolar da criança.

Quem prova que uma criança livre não aprende melhor que uma prisioneira? De minha parte, estou convicto de que só é possível aprender no espaço da liberdade. É por isso que as crianças ainda aprendem: por mais restritivo que seja o ambiente familiar ou escolar, sempre resta um espaço de liberdade para pensar, para se mexer, para crítica

r, e é aí que as pessoas aprendem. Imaginem esse espaço ampliado! Daí não ser descabido propor para crianças uma Educação de corpo inteiro. (FREIRE, 1997, p. 12-13)

Entende-se ainda, que os cursos de formação docente precisam ampliar o espaço de conhecimento sobre corpo, movimento e devem inserir em sua matriz curricular disciplinas que tratem da amplitude da sexualidade, da corporeidade, do desenvolvimento psicosssexual, a partir de uma perspectiva não apenas psicológica, mas histórica, filosófica, sociológica.

Como afirma Ribeiro (2019, p. 29),

Para que a sociedade compreenda a importância da Educação Sexual, é essencial que sua concepção advenha da construção histórica de seu significado, primeiramente nos ambientes mental e social, e em seguida no ambiente escolar, pois a Educação Sexual é resultante de um processo de preparação da sociedade para sua compreensão, valorização e aceitação. A percepção e concepção da Educação Sexual são influenciadas pela cultura sexual brasileira: os valores, os tabus, os preconceitos, os comportamentos, as atitudes e o que pensamos constituem os elementos que compõem a nossa cultura sexual. É a cultura sexual brasileira que prepara os ambientes mental, social e escolar para a aceitação da Educação Sexual, desde a Colônia até nossos dias. (RIBEIRO, 2019, p. 29)

A aquisição de conhecimentos sobre a importância da educação para a sexualidade irá possibilitar ao docente uma reeducação de sua própria sexualidade e a superação dos preconceitos internalizados em sua educação.

A compreensão global do ser humano enquanto ser histórico e global são fundamentais para subsidiar a práxis, buscando contribuir para que a criança possa se desenvolver plenamente. O espaço escolar deve primar, especialmente na infância, pela formação humana considerando a sua integralidade.

Corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar. Por causa dessa concepção de que a escola só deve mobilizar a mente, o corpo fica reduzido a um estorvo que, quanto mais quieto estiver, menos atrapalhará. (FREIRE, 1997, p. 13-14)

O desenvolvimento da corporeidade é o próprio processo de humanização, que permite a superação biológica-instintiva, possibilitando que a criança através do movimento, possa conhecer seu próprio corpo, expressar sentimentos, estabelecer relações afetivas, construir sua imagem corporal, explorar espaços, desenvolver habilidades motoras e cognitivas.

Como explicita Daolio (2013, p. 34), “o tornar-se humano é tornar-se individual, individualidade esta que se concretiza no e por meio do corpo.” E essa construção da corporeidade se forma envolta ao emaranhado de valores e condicionamentos culturais. “O controle da sexualidade coloca o corpo como sede de ordenação da primeira cultura sobre a natureza.” (DAOLIO, 2013, p. 35)

Assim, desenvolve-se uma corporeidade, condicionada pelos significados sociais, his-

tóricos e culturais que foram in(corpo)rados por um corpo baseado no seu sexo biológico, gerando e consolidando diversos preconceitos de gênero, sendo alguns deles, relacionados diretamente ao corpo e à sexualidade e consolidados dentro do espaço escolar. Como afirma Louro (2000, p. 16-17):

Todas essas práticas e linguagens constituíam e constituem sujeitos femininos e masculinos; foram — e são — produtoras de “marcas”. Homens e mulheres adultos contam como determinados comportamentos ou modos de ser parecem ter sido “gravados” em suas histórias pessoais. Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias.

A escola é uma das instituições que sustentam e perpetuam preconceitos e desigualdades e disciplinam os corpos. Em vez de humanizar e emancipar pessoas, muitas vezes ela apenas reproduz valores morais conservadores e políticos de interesse da classe dominante.

A escola é, em grande escala, aquilo que as forças dominantes da sociedade desejam que ela seja. No sentido oficial, digamos assim, uma de suas funções fundamentais é manter o controle social através da estabilidade e do ajustamento. [...] Isto não quer dizer que a escola seja uma instituição estática e absolutamente reprodutiva do que já existe. Ela muda e se renova constantemente à medida que as contradições sociais obrigam o rearranjo da postura ou do discurso ideológico da classe dominante. [...]. Portanto, se vivemos num sistema capitalista, dependente, altamente hierarquizado em níveis sociais, não só a escola como também o homem, o corpo, e suas manifestações culturais, serão produtos ou subprodutos das estruturas que caracterizam este sistema (MEDINA, 2000, p. 19).

A educação para a sexualidade deve ajudar criança e adolescentes a lidarem com suas emoções, através de intervenções críticas, contribuindo para a forma como estes vão se relacionar consigo mesmos, com o outro, com seu corpos e como irão se posicionar diante em uma sociedade que estabelece padrões estereótipos de beleza disseminados através da mídia.

É importante ainda ressaltar, como Nunes (2004, p.15), que

a filosofia do corpo que defendemos é a de uma corporeidade essencialmente humanizada, consciente de si e de seus potenciais meios de produzir coisas reais e sensíveis num mundo tangível, feito para todos os homens. Os corpos dos homens livres, libertos de toda forma de expropriação e reconhecedores do que podem produzir e socializar entre seus pares e semelhantes as mais criativas e originais formas de expressão. Um corpo que recusa ser mercadoria e que busca constituir-se além do “reino da necessidade”, com as quais

garantimos unicamente nossa sobrevivência material, mas um corpo projetado para ser signo de liberdade, para novas e plenas formas de espiritualização da paixão humana. [...]

Ainda que, muitas pessoas acreditem que nos tempos atuais têm-se mais liberdade sobre o corpo, é importante ressaltar que, há ainda, muitos resquícios culturais há serem superados, especialmente relacionado à condição da mulher, sob às quais, o peso sobre a vivência da sexualidade sempre foi maior e, ainda é.

Através da cultura as pessoas assimilam e in(corpo)ram

[...] valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação (a palavra é significativa). Diz-se correntemente que um indivíduo incorpora algum novo comportamento ao conjunto de seus atos, ou uma nova palavra, ao seu vocabulário ou, ainda, um novo conhecimento ao seu repertório cognitivo. Mais do que uma aprendizagem intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Em outros termos, o homem aprende a cultura por meio de seu corpo (DAOLIO, 2013, p. 37).

Temos ainda, de um lado, uma geração que traz marcas culturais profundas de um corpo oprimido e de outro lado temos um corpo banalizado. Muitos, passaram da repressão à exacerbação do corpo, alienados em uma pseudoliberalidade advinda da ideologia da sociedade capitalista, onde mais do que nunca, o corpo, especialmente feminino, tornou-se mero objeto sexual, instigado ao consumismo estético, vislumbrando atingir os padrões da ditadura da beleza ou a ser objeto de consumo visual e sexual, assim, o que muitos entendem como liberdade é apenas mais uma falácia alienante do mercantilismo.

“No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca.” (DAOLIO, 2013, p. 36). O estereótipo do corpo feminino é fruto da construção social, um corpo que quase sempre foi reprimido, mas especialmente nos dias de hoje, tem sido utilizado como exposto como objeto de consumo e lucro (vender produtos ou como um produto sexual).

Como aponta Zoboli (2007, p. 10),

as normas, o comportamento, os rituais de se vestir, as formas de se alimentar, os modos de adornar o corpo, tudo isso passa pelo viés da cultura. Sendo assim é importante mencionar que os padrões de beleza corporal feminino também são atravessados e mediados pela cultura, pelo meio social – espaço – e pelo contexto histórico – tempo. Neste início de século XXI o corpo feminino está em evidência. Ser bela é quase uma questão vital para ser reconhecida no âmbito das relações sociais. Por isso o corpo cada vez mais é alvo de todo um mercado que a ele oferece produtos de consumo com fim de atingir um corpo perfeito e belo.

As formas corporais e sociais de ser homem ou ser mulher, estão fortemente marcadas pelo que designou historicamente a cada gênero.

[...] Na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero. (LOURO, 2000, p. 16-17).

A educação, muitas vezes, naturaliza e consolida o que é cultural e socialmente aprendido, com isso limitou-se por muito tempo habilidades que as mulheres poderiam desenvolver, assim como os homens desenvolveram. Um exemplo de preconceito de gênero relacionado ao corpo é a prática de esportes como o futebol. Como afirma Daolio (2013, p. 37),

podemos pensar no fato de os meninos brasileiros, como se diz correntemente, nascerem sabendo jogar futebol. De forma contrária, ainda segundo o senso comum, podemos dizer que as meninas brasileiras, além de não nascerem sabendo, nunca conseguem aprender a jogar futebol. Ora, o primeiro brinquedo que o menino ganha é uma bola. Como se não bastasse o estímulo do material, há todo um reforço social incentivando-o aos primeiros chutes, ao contrário da menina, que, afora não ser estimulada, é proibida de brincar com bola utilizando os pés. As aptidões motoras também fazem parte do processo de transmissão cultural.

Afirma-se assim, que escola pode e deve contribuir para o desenvolvimento da corporeidade e para o desenvolvimento psicosexual, ajudando as pessoas a superarem a partir desta compreensão os limites deterministas da biologia e da cultura. Mas para que possa o docente possuir em suas práxis realizar intervenções pedagógicas significativas, oferecendo ferramentas que possibilitem a formação de consciências críticas e de valores éticos e estéticos para a vivência da sexualidade e promovam a formação da corporeidade, da responsabilidade corporal e afetiva, contribuindo para a superação da opressão, tabus, estereótipos, preconceitos e desigualdades sociais e sexuais historicamente construídas e culturalmente disseminados, é necessário que a fundamentação teórica-metodológica seja ofertada.

Como afirma Louro (2020, On-line), “[...] a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções...” e estas estão inscritas em nossos corpos.

Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2020, On-line)

Defende-se que, a educação para a sexualidade numa perspectiva crítica e emancipatória é a melhor ferramenta para que as pessoas se humanizem e se emancipem. Ainda que a

sexualidade seja inerente ao ser humano, a forma como as pessoas a entendem e vivenciam não são naturalmente dadas. Assim, considera-se que a escola pode e deve, ser um espaço que contribua para que a criança possa desenvolver sua corporeidade e que este é o primeiro e primordial passo para que as pessoas possam viver qualitativamente suas sexualidades.

Considerações Finais

Ao final deste estudo, afirmamos que as escolas devem favorecer o desenvolvimento integral da criança entendendo que, este se dá através da linguagem corporal. O corpo deve ser visto de maneira integral, o movimento em sala de aula e nos demais espaços e momentos precisa deixar de ser visto como indisciplina. Através da linguagem corporal a criança vai formando sua identidade, explorando o mundo, estabelecendo suas relações. E isso ocorre, especialmente, através do movimento e das manifestações corporais que precisam ser orientadas e não simplesmente reprimidas.

É pelo e através do corpo e das relações que estabelecemos, permeadas pela cultura, que se dá, ou não, sua humanização. No entanto, ao longo da história esse corpo sempre foi reprimido, disciplinado e manipulado. Assim, faz-se necessário repensar e ressignificar corpo, favorecendo de maneira significativa através da educação para a sexualidade, o desenvolvimento da corporeidade.

Considera-se ser a escola, o espaço mais adequado para que se promova reflexões, diálogos e atividades pedagógicas que sejam ferramentas capazes de contribuir para que crianças e adolescentes estabeleçam uma relação positiva com seus corpos, melhorem a autoestima e obtenham conhecimentos que lhes possibilitem a formação de consciências críticas, para que possam se libertar dos preconceitos de gênero, das limitações estabelecidas pela cultura pautadas nos determinismos biológicos, libertando-se dos estereótipos historicamente estabelecidos em cada sociedade, assim como, à pensarem sobre a indução ao consumismo estético, a exacerbação, especialmente, nessa sociedade capitalista e mercantilista onde o corpo é visto apenas objeto sexual e força de trabalho.

É urgente superar a repressão, sem cair na banalização, desta forma, afirma-se que, a formação corporeidade é o passo inicial da educação para a sexualidade, sendo esta, a principal ferramenta para possibilitar a emancipação humana e a humanização da sexualidade para que, esta possa ser vivida em plenitude, com consciência, liberdade, prazer e responsabilidade.

Referências

BONFIM, Cláudia. **Educação Sexual e Formação de Professores**: da educação sexual que temos à que queremos. João Pessoa, PB: UFPB, 2010.

BONFIM, Cláudia. **Desnudando a Educação Sexual**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

DUARTE, Suênia de Lima. BEZERRA, Hudson Pablo de Oliveira; CÂMARA, Helder Cavalcante. **Diálogos entre a corporeidade e a educação física: percepções do corpo de escolares**. **Redfoco**, Vol. 1, n.1, 2014. p.12.

FREIRE, João Batista; **Educação de corpo inteiro**: Teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1997.

FREITAS, Giovanina Gomes de. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. 2. ed. Ijuí, RFS: UNIJUÍ, 1999.

FREUD, Anna. **Psicanálise para Pedagogos**. Lisboa: Martins Fontes, 1974.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar e agir**: corporeidade e educação. 9. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto-Portugal: Porto Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: Pedagogia da Sexualidade. E-book. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/867_1567_louroguaciraLopescorpoeeducado.pdf Acesso em: 25 ago. 2020.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A Educação Física Cuida do Corpo... e “Mente”**. Campinas: Papyrus, 1983.

MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo**: educação e política do corpo. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física*. **Motrivivência**, v. II, nº 16, p. 1-11, março, 2001, p.10.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na Educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, maio/ago. 2005.

NUNES, César Aparecido. A. **Dialética da Sexualidade e Educação Sexual no Brasil**. Disponível na internet in: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1329/1138> Acesso: 10 out. 2019.

RIBEIRO, P. R. M. Desafios contemporâneos em Educação Sexual: a perda do ambiente mental, social e escolar. In: DESIDÉRIO, R.; FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M.; MENDES, P.O. S. P.; MELO, S. M. M.; MAISTRO, V. I. A.; BASTOS, V. C. **Interseccionalidade e transgressões em Educação Sexual**. Londrina, PR: Syntagma Editores, 2019, p. 29-39.

SAVIANI. Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações.10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCHONS, Sandra ; SAVITSKI, Luciana. **Corporeidade: sensibilidade da essência humana no corpo para a educação cidadã**. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 04, Vol. 03, pp. 77-83. Abril de 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/educacao-cidada> Acesso em: 10 set. 2020.

VILELA, Maria Helena. **Sexualidade da criança** – atenção para pais e educadores. Disponível em: <http://www.mundomulher.com.br/?pg=17&sec=28&sub=29&idtexto=10619> Acesso em: 14 nov. 2019.

SANTIN, Silvino. **Educação Física**: uma abordagem filosófica da corporeidade. Ijuí, RS: Livraria

UNIJUÍ Editora, 1987.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Caderno Cedes**. Campinas, nº 53, p. 69-83, abril, 2001.

ZOBOLI, F; MORELLI, G. **Corpo e roupa como signos da moda**: o cuidado de si a partir do olhar do outro. Florianópolis. 2007.

Recebido em 7 de setembro de 2020.
Aprovado em 17 de novembro de 2020.